

DISTÂNCIA SOCIAL E PRODUÇÃO DE ESTIGMAS NAS RELAÇÕES RACIAIS BRASILEIRAS

SOCIAL DISTANCE AND THE PRODUCTION OF STIGMAS IN BRAZILIAN RACE RELATIONS

*Patrícia Guimarães**

Cite este artigo: GUIMARÃES, Patrícia. Distância social e produção de estigmas nas relações raciais brasileiras. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.137-150, 31 de dezembro. 2013. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em 31 de dezembro. 2013.

Resumo: Neste trabalho discuto como os negros de classe trabalhadora articulam classe e raça na sua definição de identidade ("nós") em oposição a outros grupos ("eles"), particularmente em narrativas sobre injustiça, estigmatização e discriminação. O trabalho parte das narrativas de 80 negros (pretos e pardos, na classificação do IBGE) de classe trabalhadora, residentes na Zona Norte do Rio de Janeiro. Uma primeira análise das entrevistas permite afirmar que apesar de não identificarem fortes diferenças raciais, a maioria dos entrevistados reconhece desvantagens em ser negro e relata incidentes de discriminação racial, demonstrando que não há apenas uma oposição de indivíduos de status sociais diferentes, mas também de identidades raciais distintas.

Palavras-chave: distância social, desigualdade racial, discriminação, estigmatização, negros.

Abstract: In this paper, I discuss how working class blacks in Brazil articulate class and race in their definition of identity ("us") and their distancing from other groups ("them"), particularly in narratives about injustice, stigmatization and discrimination. This paper is based on the narratives of 80 working class black individuals (black and brown people, according to IBGE's classification), residing in Rio de Janeiro's northern suburbs. A first analysis of the interviews allow us to assert that, despite not identifying strong racial differences, most interviewees recognized disadvantages about being black, and told stories about being racially discriminated, showing that there is an opposition not only between individuals of different social classes, but also of distinct racial identities.

Keywords: social distance, racial inequality, discrimination, stigmatization, blacks.

Introdução

Raça e classe são dois dos principais elementos da desigualdade brasileira. Neste artigo, analisarei como esses conceitos se articulam no debate sobre relações raciais no Brasil a partir da visão de indivíduos diretamente afetados pela desigualdade social e racial: os negros da classe trabalhadora.

Minha análise parte do conceito de distância social, como discutido por Merike Blofield (2011). Tendo como foco o mapeamento da distância social entre os grupos raciais, esta pesquisa analisa a percepção desses atores sobre como a relação entre raça e classe se manifesta no cotidiano, principalmente na sua definição de identidade (“nós”) em oposição a outros grupos (“eles”). A partir disto, o objetivo deste trabalho é analisar a distância social entre grupos raciais, uma vez que não se trata apenas de contrastar indivíduos de status sociais diferentes, mas também de identidades raciais distintas.

Empiricamente, analiso 80 entrevistas qualitativas com negros (aqui compreendidos como aqueles que se identificam como pretos e pardos usando as categorias do IBGE) da classe trabalhadora, aqui operacionalizada como indivíduos com ensino médio, sem formação superior e empregados formalmente [1].

A partir dessas narrativas fica evidente que apesar de não identificar fortes diferenças raciais, a grande maioria dos entrevistados aponta para desigualdades estruturais entre negros e brancos, enfatizando as desvantagens da negritude e os incidentes de discriminação. Desse modo, as narrativas sobre injustiça, estigmatização e discriminação demonstram que a proximidade física e a mistura racial não geram automaticamente a proximidade social entre grupos raciais.

Através do conceito de distância social entre grupos raciais e da análise das entrevistas, este trabalho mostra um quebra-cabeça das relações raciais brasileiras: ao mesmo tempo em que afirmam e celebram a mistura racial, muitos entrevistados ressaltam a negritude, o orgulho negro e a discriminação racial, contrapondo-se, assim, aos brancos.

1. Raça e Classe

De acordo com Silva e Reis (2012), o Brasil é visto pelos próprios brasileiros como um país miscigenado: 76% acreditam que a sociedade brasileira é um exemplo de mistura racial e cultural que deve ser seguido por outros países; e 89% concordam que algo bom do povo brasileiro é a mistura de raças. Há, portanto, uma forte percepção de mistura racial e, desse modo, parte da literatura explica que é por isso que o brasileiro utiliza diversos termos para classificar as raças, o que faz do Brasil um “arco-íris de categorias raciais” (FRY, 2003). Uma vertente da literatura vê a mistura racial de forma positiva, pois afirma que ela gera proximidade entre os grupos sociais (FRY, 2003). Contudo, na análise das entrevistas, nota-se que há uma percepção de que a mistura racial convive com uma forte desigualdade e discriminação racial.

É preciso atentar para uma recorrente confusão entre miscigenação e ausência de estratificação (FERNANDES, 1972), contribuindo para uma confusão entre tolerância racial e democracia racial - pautada na igualdade social, econômica e política. De acordo com Florestan

Fernandes (1972), no Brasil, trata-se o negro com tolerância, mas sem um caráter igualitário - o que leva os entrevistados a se confundirem e serem, aparentemente, contraditórios.

De acordo com Telles (2004), a distribuição da riqueza social é fortemente desigual, o que contribui ainda mais para uma desigualdade vertical entre negros e brancos, na qual os negros são mantidos nos níveis mais baixos. Nota-se, então, que a classe e a raça são determinantes de status na sociedade, mas também não se pode negar que a grande desigualdade racial independe da classe, pois a raça, por si só, é um fator determinante para a hierarquização social.

Mesmo se escondendo por trás da mistura racial, a desigualdade do Brasil também se encontra nas interações sociais entre brancos e negros. Dessa forma, pode-se dizer que, apesar da mistura racial, há uma distância social, a qual é expressa através da definição de uma identidade ("nós") em oposição a outros grupos ("eles"). Esta situação cria fronteiras simbólicas que dificultam o indivíduo de um grupo se imaginar na posição do outro, o que pode gerar situações de conflito e discriminação. Por isso, além da produção de estigmas estar associada à fatores econômicos, educacionais, entre outros, esta também resulta do distanciamento social entre grupos raciais. Este é o ponto que pretendo explorar neste artigo.

Para compreender a relação entre classe e raça no Brasil, primeiro optei por me apropriar do conceito de distância social (BLOFIELD, 2011). Com o objetivo de complementar esse tema, utilizo a ideia de que desigualdade com mistura racial gera proximidade entre os grupos sociais (FRY, 2003) e a contraponho com o argumento de que desigualdade entre negros e brancos não é apenas uma consequência da desigualdade de classes (TELLES, 2004).

Em seu texto, Blofield fala que a distância social é um conceito muito conhecido na sociologia e na psicologia social, mas é menos familiar para a ciência política. A enciclopédia Blackwell de sociologia afirma que a distância social se fundamenta em normas sociais que diferenciam os indivíduos e os grupos em relação à etnicidade, idade, sexo, classe social, religião e nacionalidade. (BLOFIELD, 2011) [2]

A ideia de distância social se contrapõe a uma noção de proximidade entre os grupos sociais e, além disso, não se baseia em critérios biológicos ou geográficos, mas sim, em fatores sociais (BLOFIELD, 2001). No caso do estudo da Merike Blofield, ela trata sobre o afastamento da elite em relação à pobreza, uma vez que afirma que a elite tem uma percepção errada dos pobres e é indiferente à pobreza. Neste trabalho, eu uso o conceito de distância social para analisar as relações raciais brasileiras. Comparando com o argumento de Blofield que afirma que os ricos não se dão conta das dificuldades dos pobres, este trabalho pretende mostrar que no Brasil, a distância social se refere à ideia de que negros vivem um dia a dia de discriminação que parece ser invisível aos brancos.

Por conta da miscigenação, o Brasil não possui uma segregação nítida entre os grupos raciais – como nos Estados Unidos que teve políticas segregacionistas e até hoje a segregação física é fruto de escolhas e afinidades individuais com consequências coletivas, como ocupação de espaços físicos diferentes ou até preferência por programas de TV distintos. Já no Brasil,

negros e brancos não possuem culturas nitidamente distintas; eles frequentam os mesmos espaços e possuem hábitos, muitas vezes, semelhantes. Contudo, mesmo assim, a raça ainda é um fator que, por si só, gera discriminação. Esta situação pode ser vista ao longo das entrevistas, nas quais os entrevistados afirmam haver uma igualdade entre negros e brancos, mas, ao mesmo tempo, identificam a criação de diversos estereótipos – tanto relativos aos negros quanto aos brancos. Cabe questionar se essa seria a forma como a distância social se manifesta nas relações raciais.

Não podemos negar que as questões social e econômica são o carro chefe da distância social no Brasil. Entretanto, a separação racial acaba ocorrendo também, já que classe e raça estão intimamente relacionadas. Dessa forma, não se trata apenas de opor classes sociais, mas também, identidades raciais distantes entre si. Mas, por não haver uma divisão nítida entre negros e brancos, não cabe falar em uma “distância racial” no Brasil, mas sim, em uma distância social entre grupos que afeta as relações raciais.

2. Metodologia

Para analisar as percepções sobre distância social, o trabalho se baseou em narrativas[3] capturadas em 80 entrevistas em profundidade, com duração média de 2 horas, realizadas entre 2008 e 2009 no marco de um projeto acadêmico que versa sobre os temas da desigualdade, experiências de discriminação e estratégias de desestigmatização e, assim, foram codificadas com a ajuda do software Atlas TI. Os entrevistados foram selecionados por uma agência de pesquisa a partir de três critérios: possuir o Ensino Médio completo (sem ensino universitário completo ou incompleto), estar empregado com carteira assinada e ser residente na zona norte do Rio de Janeiro.

Para focar no tema da distância social, explorei cinco perguntas de um roteiro de entrevistas com, aproximadamente, 50 perguntas perfazendo um total de 2 horas de duração em média. Através da pergunta “*Você acha que pessoas de todas as cores são iguais?*”, analiso se os entrevistados se veem iguais aos brancos. E, para saber se os entrevistados percebem algum antagonismo entre eles e os brancos, foi feita a pergunta “*Você acha que ser negro é diferente de ser branco?*”.

Na pergunta “*Para você, o que significa ser negro?*”, analiso a centralidade da questão racial para o entrevistado, ou seja, se a sua cor é um fator de orgulho, de segregação ou apenas um fator biológico. Para complementar esta análise, a entrevista possui mais duas perguntas: “*Quais são os aspectos mais positivos em ser negro, na sua opinião?*” e, depois: “*E os negativos?*”.

Essas cinco perguntas ajudam a entender a importância da identidade racial para os negros e como ela se relaciona com outros grupos raciais. Outra forma de analisar essa relação é por meio dos relatos sobre discriminação - os quais muitas vezes são delimitados como raciais ou sociais e, em outros momentos, são vistos como consequência de ambos os fatores. Através dessas respostas foi possível perceber se a questão social se sobrepõe à racial e vice-versa.

É importante ressaltar que os entrevistados não sabiam que se tratava de uma pesquisa sobre questões raciais, pois era esperado que eles mencionassem o tema de forma espontânea.

Caso isso não ocorresse, o entrevistador só abordava o assunto na segunda parte da entrevista. Isto também foi usado como estratégia para analisar a identidade racial e sua centralidade na vida do entrevistado, já que mais da metade dos entrevistados mencionaram a questão da raça de forma espontânea.

3. Proximidade versus Distância

Para analisar a construção da distância social, além de mapear a percepção dos entrevistados sobre como a relação entre raça e classe se manifesta no cotidiano, também analisarei como estes interpretam a convivência entre negros e brancos. Uma primeira análise das entrevistas permite afirmar que apesar de não identificarem diferenças raciais significativas, a maioria dos entrevistados reconhece desvantagens em ser negro e relata incidentes de discriminação racial.

Por um lado, a proximidade é percebida quando os grupos sociais compartilham os mesmos hábitos, costumes e passam por situações semelhantes que estimulem um sentimento de solidariedade. A distância social é expressa quando um ator social desconhece a rotina do outro e não compartilha das mesmas experiências, gerando certo estranhamento, indiferença e, conseqüentemente, afastamento entre os grupos sociais.

3.1 Proximidade social

Na tabela 1, a partir de uma pergunta “*Você acha que pessoas de todas as cores são iguais?*”, procuro entender como os entrevistados operacionalizam a questão da igualdade racial. Podemos ver que a maioria dos entrevistados - um total de 64 entre 80 entrevistados - possui uma percepção imediata de que todos são iguais porque são seres humanos e possuem as mesmas capacidades e sentimentos. Em contraposição à apenas 11 entrevistados que ressaltam as diferenças de oportunidade e o racismo.

É importante observar que esta pergunta era uma das primeiras a introduzir o tema da raça na entrevista e, muitas vezes, os entrevistados respondiam que “sim, todos são iguais”. Respostas a outras perguntas apresentam um resultado semelhante, como por exemplo, quando questionados sobre as suas amizades: a grande maioria afirma que tem amigos de todas as cores, o que demonstra que a cor não é um fator determinante na escolha das amizades. Analisando as respostas de forma mais detalhada, fica claro que essa noção de igualdade é interpretada de três formas.

Uma forma é a resposta politicamente correta e genérica, na qual, supostamente, todos conviveriam harmonicamente. Ela traz a noção de que somos todos moralmente iguais e é muito bem ilustrada por esse trecho de uma entrevista:

Entrevistador: Agora, você acha que as pessoas de todas as cores são iguais?

Entrevistado: - Acho que sim.

Entrevistador: Por quê?

Entrevistado: - Porque é, não existe contestação pra isso não... É e acabou.

Entrevistador: O que as tornam iguais?

Entrevistado: - Ser humano, ser irmão. Alguns gostam mais do irmão, outros menos... É mais, vamos botar assim, é mais interado no fato de ajudar e outros menos... Não está nem aí para ajudar um amigo, um companheiro, um estranho, um mendigo, seja o que for.

(Homem, técnico da área da saúde, 37)

Já um segundo tipo de resposta seria mais ontológico, na qual todos são vistos, de fato, como humanos, exemplificando:

Entrevistador: Você falou que todas as pessoas são iguais, porque você acha que as pessoas são iguais? Onde haveria igualdade entre as pessoas?

Entrevistado: - Somos iguais porque geneticamente falando somos todos feitos da mesma matéria e, na hora do vamos ver mesmo, não adianta você ser branco ou negro que vai ficar ruim para o seu lado se tiver que ficar, não é? Se tiver que ficar doente, vai ficar doente independente da cor; você vai morrer igual a todo mundo, não é porque é branco que você não vai morrer.

(Mulher, auxiliar administrativa, 52)

Uma terceira forma de responder a essa pergunta é por meio de uma reação normativa, ou seja, uma visão de que todos deveriam ser tratados de forma igual, como afirma esta entrevistada citada abaixo:

Entrevistador: E o que você acha que faz as pessoas iguais?

Entrevistado: - Assim, as pessoas têm o potencial, mas não a oportunidade. Fora isso, somos todos iguais.

(Mulher, atendente de telemarketing, 33)

Como podemos ver na Tabela 2, quando questionados sobre o que significa ser negro, quase metade dos entrevistados – um total de 34 – afirma que não significa nada ser negro, todos são iguais, o que difere é apenas a cor da pele. Contudo, outra parcela também significativa dos entrevistados - um total de 22 - ressaltam a consciência racial, a cultura, a história e o orgulho dos negros, demarcando certa distância em relação aos brancos. Dentro deste dado, mesmo não apontando diferenças entre brancos e negros, um total de 18 entrevistados resalta uma história de superação e um orgulho, o que demonstra uma valorização do negro, caracterizando certa distância entre negros e brancos – e parcialmente contradiz o argumento acima e a Tabela 1.

Por não apontarem fortes diferenças entre as identidades raciais quando questionados sobre as relações raciais no Brasil, estas respostas demonstram que os entrevistados percebem uma proximidade entre negros e brancos no Brasil. Mas, ao longo da entrevista, ao serem

estimulados a pensar sobre o assunto, a maioria dos entrevistados se lembrou de algum episódio de discriminação racial e apontou diferenças entre negros e brancos, principalmente as desvantagens de ser negro por conta da discriminação.

Cabe questionar, então, como os entrevistados conciliam a questão da igualdade e da diferença, já que, por um lado, afirmam a igualdade – segundo a maioria, todos são iguais, independente da cor – e, ao mesmo tempo, identificam discriminação.

3.2 Distância social

O paradoxo das relações raciais brasileira fica explícito no momento em que quase metade dos entrevistados afirma que todos são iguais e, em contrapartida, a outra metade aponta para importantes diferenças entre brancos e negros, principalmente referentes à discriminação, cultura e história. Já foi dito, na seção anterior, como os entrevistados manifestam essa igualdade e proximidade entre os grupos. Agora, o trabalho foca em como os entrevistados operacionalizam as diferenças entre brancos e negros – forma na qual a distância social se manifesta nas relações raciais brasileiras e pode resultar na produção de estigmas.

No momento em que demarcam diferenças, muitos entrevistados demonstram a existência de uma distância social entre negros e brancos e uma conseqüente produção de estigmas. Por um lado, alguns entrevistados ressaltam a questão do orgulho negro e da discriminação racial, mostrando que a raça é um fator, por si só, responsável por gerar uma distância social entre negros e brancos. Por outro lado, alguns entrevistados falam sobre estigmas que os brancos lhes atribuem ou que eles atribuem aos brancos – desta forma, esta parcela de entrevistados opera a junção entre raça e classe no cotidiano das relações raciais brasileiras.

A Tabela 3 nos permite analisar o momento no qual a distância transcende a questão de classe, pois também se refere à questão racial, isto é, somente a raça já é suficiente para evidenciar a diferença entre os grupos. Ao analisar a tabela, vemos que 54 entrevistados apontam diversas diferenças entre negros e brancos – como a aparência, a cultura e história e a discriminação na qual os negros estão submetidos.

Uma entrevistada resalta a diferenciação dos grupos por meio da aparência e do orgulho negro:

Entrevistador: Agora, você acha que ser negros é diferente de ser branco?

Entrevistado: - Com certeza. Muito melhor.

Entrevistador: Em que sentido?

Entrevistado: - Muito melhor. Tem corpão...

Entrevistador: As brancas não têm corpão não?

Entrevistado: - Muitas não... Demora a envelhecer, eu tenho uma amiga da minha idade e está pior do que eu “Que isso menina? Vai fazer uma plástica, está toda enrugada”. É verdade.

(Mulher, zeladora, 25)

Outra entrevistada revela um outro lado da situação do negro, evidenciando uma situação de discriminação na qual os negros estão submetidos:

Entrevistador: Agora, você acha que ser negra é diferente de ser branca? Em que sentido?

Entrevistado: - Acho que em relação a isso – em relação à discriminação mesmo – quando você é branco, você é muito mais aceito. É verdade isso, não é mentira. De verdade, só quem é negro que sabe de verdade. Tem muita discriminação e por mais que as pessoas falem que não tem, é mentira, tem sim. Se eu chegar em qualquer lugar com um montão de amigas brancas vão dar mais atenção pra ela do que para mim.

Entrevistador: Você diz em situação de paquera, de sociabilidade, de um baile, uma festa...

Entrevistado: - É... Isso.

(Mulher, auxiliar administrativo, 27)

Além dessas formas de diferenciação, os fatores positivos e negativos em ser negro eleitos pelos entrevistados também revelam que a distância social não se refere apenas a uma questão de classe, mas também, de raça. Ao serem diretamente questionados sobre os pontos negativos da negritude, os entrevistados ressaltam a discriminação e a desigualdade a qual estão submetidos e, se sentem, assim, inferiorizados simplesmente por serem negros. A recorrência de uma série de desvantagens da negritude também reforça a existência de uma distância social entre negros e brancos, principalmente por conta da discriminação, preconceito, racismo e desigualdade de oportunidade - os quais aparecem como fatores principais da desvantagem em ser negro no Brasil, ressaltados por mais da metade dos entrevistados – como mostra a Figura 1.

Podemos ver na Figura 2 que, quando perguntados sobre os pontos positivos da negritude, a maioria dos entrevistados aponta um biotipo favorável dos negros, como: a pele tonificada, a força física e o pouco uso de protetor solar. A princípio, esses pontos demonstram uma vantagem física dos negros. Entretanto, essas vantagens são mais estereotípicas e, por isso, adquirem menor peso quando comparadas às desvantagens, as quais são mais estruturais e abarcam questões sociais sérias como: discriminação racial, desigualdade de oportunidade, racismo e preconceito. Desse modo, o negro é visto como biologicamente superior ao branco, mas socialmente inferior (FERNANDES, 1972).

Já uma parcela menor, porém significativa, afirma que não há nenhuma vantagem em ser negro, o que pode caracterizar: 1) a visão de que todos são iguais e, por isso, não há diferença e/ou distância social entre brancos e negros; 2) a visão de que não há vantagem nenhuma em ser negro, apenas desvantagens, como a discriminação, o que contrapõe a primeira hipótese, demonstrando que há sim, uma distância social entre os grupos raciais.

Como foi dito anteriormente, estas formas de diferenciação das identidades raciais culminam em uma distância social entre os grupos, no qual passa a haver uma divisão entre “nós” e “eles” que não é manifestada em espaços físicos ou em símbolos culturais, mas sim, na forma de ver e interpretar o outro grupo. Esta situação pode resultar na produção de estigmas, os quais são relatados por diversos entrevistados que afirmaram ser estigmatizados ao longo das suas vidas.

3.3 Estigmas sociais e raciais

Ao focar nos episódios de discriminação, muito entrevistados mesclam classe e raça, ressaltando situações em que foram discriminados por um fator, por outro ou por ambos – o que torna difícil precisar o principal motivo. A maioria dos entrevistados afirma que já se sentiu estereotipada, excluída e/ou desrespeitada em diversas situações: seja em lugares públicos, em restaurantes, no trabalho, em confrontos com a polícia, etc. A existência de estereótipos negativos referentes aos negros é amplamente reconhecida entre os entrevistados, os quais listam uma série de termos que podem ser vistos estigmas ou são apenas maneiras de se referir a cor de pele escura. Com cunho pejorativo ou não, são todos voltados para os negros, como: *neguinho, macaco, mulato, crioulo, marrom bombom, moreninho, pretinho, caveirão, escurinho, negão, negro de alma branca*, entre outros.

Alguns desses estereótipos negativos referentes aos negros são relatados em dois episódios de estigmatização retirados de trechos de duas entrevistas. E esses casos não podem ser ignorados, pois demonstram que há, sim, uma distância social entre negros e brancos que parece ser invisível no cenário brasileiro miscigenado.

O primeiro trecho une a questão de classe e raça, pois, por um lado, mostra uma distância social entre ricos e pobres – como Blofield (2011) explora –, mas a entrevistada também ressalta a questão da cor como o fator responsável por ela ser vista com um status social inferior.

Eu posso falar por mim, eu tenho um filho de cinco aninhos, seis anos, ele é bem clarinho e tem o do meio que é da minha cor e o mais velho é mais escuro do que eu. É uma mistura lá em casa. Eu lembro que fui com ele no mercado e teve uma discriminação racial, a mulher achou que eu era babá do meu filho, aí na hora eu fiquei nervosa e acabei discutindo com a mulher porque eu acho o cúmulo ter racismo nessa época... E ela perguntar se eu era babá do meu filho.

(Mulher, cabeleireira, 28)

Muitos entrevistados também apontam casos em que se sentiram discriminados única e exclusivamente por causa da sua cor – como é o caso deste segundo relato que ressalta a questão racial ao colocar o negro como inferior:

Eu fiz um comentário, acho que não vou lembrar de todo teor da história, eu fiz um comentário com ele [chefe] perante os amigos e a resposta dele foi que se ele me desse um cacho de bananas eu estaria bem pago por aquilo que eu tinha pedido.

(Homem, segurança, 36)

Enquanto alguns entrevistados apontam certos nomes como carinhosos, ainda existem alguns que afirmam que a utilização de apelidos é uma forma de minimizar a questão racial, ou seja, seria danoso chamar alguém de “negro”, o que justifica o uso de apelidos. Um grande número de entrevistados, no entanto, afirmou se sentir discriminado, inferiorizado e estigmatizado quando são chamados dessa forma.

Contudo, a produção de estigmas nas relações raciais brasileiras não está apenas vinculada aos negros, pois estes também elegem um antagonista como forma de diferenciação. O chamado “branco rico da zona sul” é, muitas vezes, visto pelos entrevistados como um indivíduo privilegiado e que, por isso, não precisou lutar na vida. Dessa forma, acabam por menosprezar essa classe, não apenas por serem brancos, mas também por serem ricos e “não precisarem batalhar” – segundo os próprios entrevistados. Ao mobilizarem um elemento racial na identificação desse antagonista, os entrevistados chamam atenção para um ator que mescla raça e classe: o branco rico da zona sul. Dessa forma, podemos perceber que o negro também cria uma imagem caricatural do branco – rico, esnobe, criminoso de colarinho branco, etc.

É importante ressaltar que o processo de estigmatização e a criação de estereótipos acontecem dos dois lados, mas possuem apelos sociais, pesos e consequências distintas. Por conta da própria dinâmica da desigualdade social, os brancos conseguem mais legitimidade e, dessa forma, possuem mais força nesse processo de estigmatização. Então, não cabe afirmar que tanto os estereótipos referentes aos negros quanto aos brancos possuem o mesmo apelo social. E uma hipótese é que a estigmatização por parte dos negros pode ser apenas uma reação ao preconceito que eles sofrem.

4. Desigualdades socioeconômica e distância social entre as identidades raciais

Alguns autores falam sobre essa relação entre classe e raça no Brasil e usam a mobilidade social para mostrar a democracia racial brasileira, afirmando que, uma vez que o negro ascende socialmente, ele não será mais discriminado (Azevedo e Pierson apud SILVA e REIS, 2011). A classe trabalhadora também acredita nisto e enfatiza mais a questão de classe, afirmando que se ascenderem socialmente não serão mais discriminados – mas a classe média diz que não. Estudos sobre a classe média negra demonstram que, apesar de a mobilidade social dos negros estimular uma interação com os brancos de alta classe social (FIGUEIREDO apud SILVA e REIS, 2011), o negro rico identifica mais discriminação do que o negro pobre, visto que a sociedade brasileira não aceita que negros ocupem posições sociais elevadas (SILVA e REIS, 2011). E, assim, quanto mais os negros ascenderem, mais eles serão discriminados (S. SOARES apud SILVA e REIS, 2011), já que estas altas posições sociais não podem pertencer a eles, ou seja, é como se os negros de classe média estivessem fora do lugar que lhes foi reservado.

Então, apesar de a Zona Sul carioca ser o lugar mais almejado para se viver por causa do conforto, do bem estar e de inúmeros fatores ligados à boa qualidade de vida, essas vantagens

não são compartilhadas por todos. Os negros que ascendem socialmente e, por fim, conseguem alcançar uma posição social valorizada na sociedade, não se sentem totalmente inseridos naquele espaço, uma vez que também sofrem com a discriminação racial e, de maneira ainda mais explícita (SILVA e REIS, 2011).

Observa-se, então, que, a forte desigualdade socioeconômica entre brancos e negros afeta a distância social entre as identidades raciais. Mas, não podemos esquecer que, segundo Florestan Fernandes (1972), a existência de mobilidade social e de abertura racial não significa ausência de preconceitos e de discriminação, isto é, o preconceito e a discriminação dificultam a ascensão social, mas não a impossibilitam.

5. Conclusão

Este trabalho se propôs a analisar como a distância social afeta as relações raciais brasileiras através da percepção de 80 negros da classe trabalhadora. Com a análise de dados qualitativos, mas também de alguns resultados de surveys, concluímos que não se trata apenas de contrastar indivíduos de status sociais diferentes, mas também de identidades raciais distintas.

Desta forma, pode-se dizer que no Brasil, apesar de existir uma forte mistura racial, há também uma distância social entre negros e brancos, a qual é expressa através das desvantagens da negritude, dos incidentes de discriminação e da delimitação de um “nós” e um “eles”. Isto leva à produção de estigmas tanto sociais quanto raciais, os quais não estão apenas associados à questão da economia, da educação e de outros indicadores, mas também resultam do distanciamento social entre grupos raciais.

Analisando os dados, percebemos que mesmo próximos geograficamente, os negros percebem, em diversas circunstâncias, uma distância social em relação aos brancos. Conclui-se, então, que a proximidade física e a mistura racial não criam necessariamente uma proximidade social entre grupos raciais.

Anexos

TABELA 1	
VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS DE TODAS AS CORES SÃO IGUAIS?	N
Sim, todos somos humanos (mesmas capacidades e sentimentos)	64
Sim, apenas distingue a cor da pele	4
Sim, outro	1
Não, desigualdade e diferentes oportunidades	3
Não, racismo	4
Não, somos todos diferentes (personalidade, aparência, etc.)	4
TOTAL GERAL	80

TABELA 2	
O QUE SIGNIFICA SER NEGRO (OU PARDO)?	N
Não significa nada, todos são iguais	12
Aparência, cor da pele	22
Orgulho	18
Difícil, alvo de discriminação	7
Lutar, mostrar capacidade, trabalhar em dobro	6
Mistura	5
Consciência negra	3
Cultura, história	1
Não sabe ou nunca pensou no assunto	2
NR/NS	4
TOTAL GERAL	80

TABELA 3	
-----------------	--

VOCÊ ACHA QUE SER NEGRO É DIFERENTE DE SER BRANCO?	N
Não, todos somos iguais	23
Sim, aparência	19
Sim, classe e discriminação	23
Sim, cultura e história	12
NR/NS	3
TOTAL GERAL	80

Figura 1 - "Quais são os aspectos negativos em ser negro, na sua opinião?"

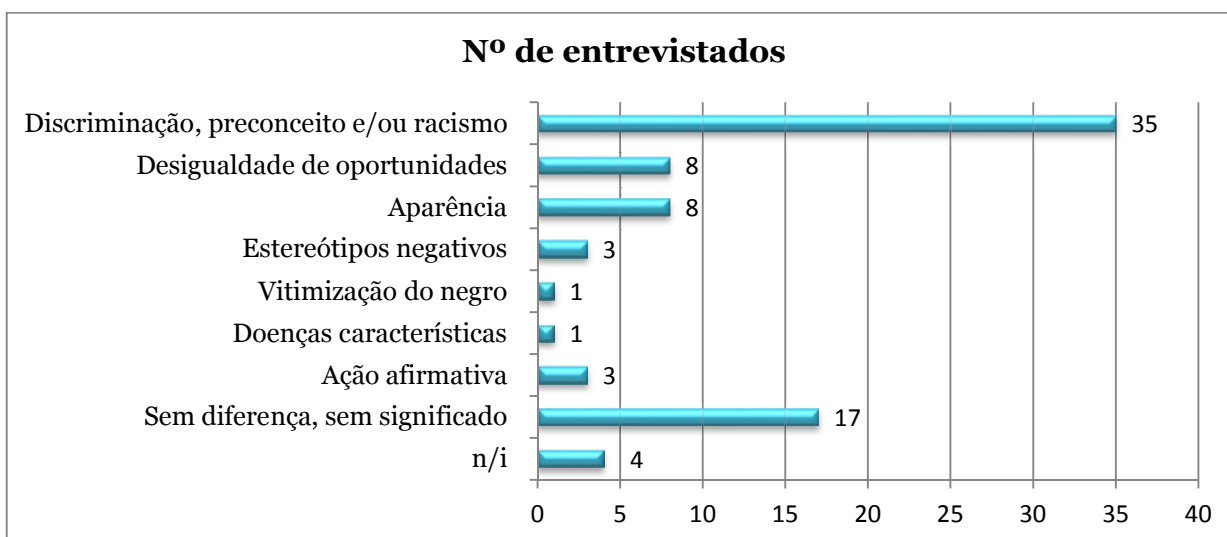
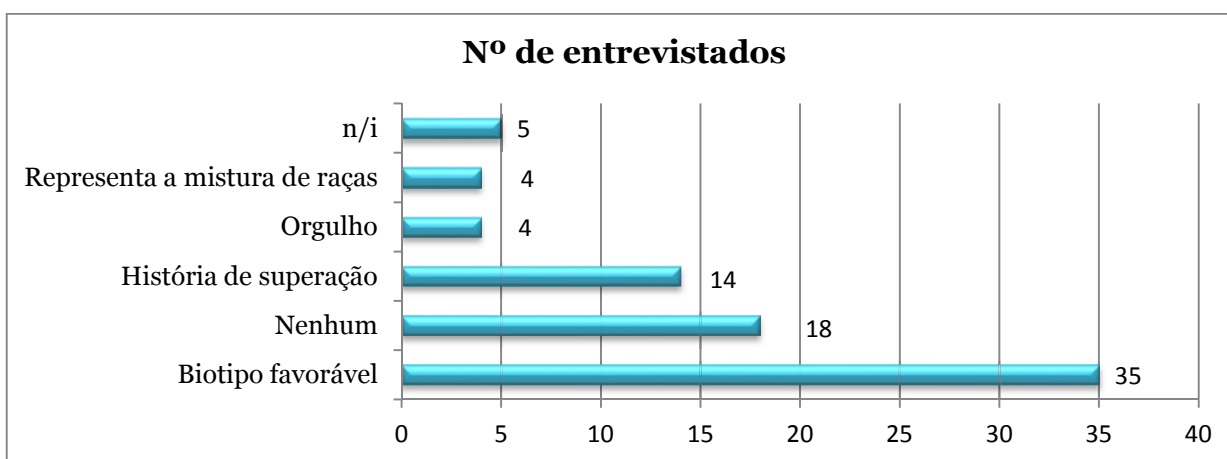


Figura 2 - "Quais são os aspectos positivos em ser negro, na sua opinião?"



NOTAS

* Aluna do 9º período da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista IC – Professoras Orientadoras: Graziella Moraes Dias da Silva e Elisa Maria da Conceição Pereira Reis. E-mail: patsguimaraes@gmail.com.

[1] Esta definição foi feita dessa forma porque este trabalho faz parte de um projeto comparativo que buscava comparar negros de classe média e classe trabalhadora no Brasil e nos Estados Unidos.

[2] Podemos ir além das formas de diferenciação explicitadas por Blofield ao observar que na sociedade contemporânea existem outros tipos de distância social motivadas por orientação sexual, migração, deficiência e algum tipo de doença – como a Aids e a síndrome de Down –, dentre outros.

[3] Cabe ressaltar que as perguntas eram abertas, isto é, eles os entrevistados não preenchem um questionário, mas sim, respondiam com as suas próprias palavras da forma que achavam melhor. Para montar as tabelas aqui presentes, precisei criar categorias e encaixar os entrevistados nos termos mais próximos de sua fala.

REFERÊNCIAS

BLOFIELD, Merike (2011). “**Desigualdad y política en América Latina**” In: Journal of Democracy en Español. July Vol3 p 58-74

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. “**O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança.**”. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998

FERNANDES, Florestan. “**O negro no mundo dos brancos.**” São Paulo; Editora Global, 1972

FRY, Peter. “**A persistência da raça**”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

REIS, Elisa, e SILVA, Graziella. “**Global Processes and National Dilemmas: The Uncertain Consequences of the Interplay of Old and New Repertoires of Social Identity and Inclusion**”. International Sociology, 2012.

SILVA, Graziella, e REIS, Elisa. “**Perceptions of Racial Discrimination among Black Professionals in Rio de Janeiro**” Latin American Research Review, v. 46, p. 55-78, 2011.

SILVA, Graziella, e REIS, Elisa (2012). “**The multiple dimensions of racial mixture in Rio de Janeiro, Brazil: from whitening to Brazilian negritude**”. Ethnic and Racial Studies, 35:3, 382-399

TELLES, Edward. “**Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica.**” Editora Relume Dumara, 2004

Recebido em 26 de março de 2013

Aprovado em 22 de novembro de 2013